

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Sara Gracielle da Silva Garcia

## **OS RESQUÍCIOS DE UMA SUPOSTA ABOLIÇÃO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Os resquícios de uma suposta abolição. Orientador: Marcella Beraldo de Oliveira.

Juiz de Fora  
2024

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Sara Gracielle da Silva Garcia**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 202073065A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Os resquícios de uma suposta abolição**, desenvolvido durante o período de março de 2024 a outubro de 2024 sob a orientação de Marcella Beraldo de Oliveira, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

**Sara Gracielle da Silva Garcia**

### **Marcar abaixo, caso se aplique:**

Solicito aguardar o período de (  ) 1 ano, ou (  ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

# OS RESQUÍCIOS DE UMA SUPOSTA ABOLIÇÃO

Sara Gracielle da Silva Garcia<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo da monografia é trazer um entendimento sobre a abolição, e desmembrar os fatores de raça cristalizados na sociedade brasileira, perdurando as desigualdades raciais que levam ao racismo velado; o racismo é um termo que amplia muitas facetas, justamente por ser demasiadamente estrutural, as desigualdades raciais estão enraizadas, o que proporciona a propagação do racismo velado. Sabe-se que a abolição foi um fator importante, mas seus desdobramentos são equivocados, justamente por atrelar a abolição como uma vitória imperial; essencialmente, o racismo está atrelado, a comunicação em massa, tais como, telenovelas, literaturas, músicas o que permite que o racismo se reverbere com mais ênfase no solo brasileiro. Espera-se, ressaltar que apesar da abolição, a luta não terminou! Diante disso, a metodologia será uma revisão bibliográfica, o que proporciona uma compreensão das injustiças enfrentadas pela população negra, em que os estereótipos são reforçados. “As explicações estruturais para a persistência do racismo na economia têm, historicamente, propiciado um grande debate sobre a herança da escravidão” (ALMEIDA, Silvio. p.140, 2019.).

**PALAVRAS-CHAVE:** Racismo estrutural. Apagamento histórico. Estereótipos. Desigualdade racial. Extinção racial.

## INTRODUÇÃO:

Entende-se que as extensões de discriminação racial, não surgiram recentemente, vê-se que as situações do cotidiano, estão tornando-se mais explícitas, sabe-se que por trás da abolição, há muitas farsas com o intuito de proteger, a “história” imperial, o que abre espaço para compreender que falar em racismo em um país, dito como avançado, assemelha-se ao desenterrar um corpo; sendo considerado um absurdo, pois o racismo para boa parte das pessoas é invisibilizado ou até mesmo um fator que pertence ao primórdios, mas não é visto de uma forma, nua e crua, sendo assim parte da população que não vivencia episódios discriminatórios, encaram como perda de tempo e vitimismo a luta por igualdade racial, vale ressaltar que a luta de décadas, não obteve vitórias conclusivas, sabe-se que é contínua; entretanto os obstáculos anteriores, estão em seu nível demasiadamente elevado e são lutas mais árduas. Observa-se que ao tratar do termo raça, os avanços foram mínimos, o que revela muito sobre as tentativas de apagamento histórico, pois desvincular a coroa de uma luta que ela não é protagonista, desmascarar um racismo velado e romantizado e dar voz a todos de forma igualitária ainda é um tabu a ser superado e compreendido, falar em raça é compreender além do que nos é “mostrado”, assim como diz Thomas Sowell “Antes de um conceito biológico, é uma realidade social, uma das formas de identificar pessoas em nossa própria mente” (Schwarcz. p .12, 1998).

Não esquecendo que “Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico” (ALMEIDA, Silvio. p.22, 2019). Diante disso, esse trabalho tem de pôr objetivo revelar os resquícios de uma suposta abolição, que aconteceu apenas para os que seriam beneficiados por ela. A discente utilizará a metodologia de revisão bibliográfica, para associar o racismo estrutural à negligência imperial. O trabalho será dividido em seções que abordam, o racismo enraizado, seus desdobramentos dentro da sociedade e seu veículo de propagação de atitudes racistas.

## RACISMO NO BRASIL: SEM ORDEM E SEM PROGRESSO

O racismo não é um tipo de agressão oriunda da atualidade, está enraizado na história da população brasileira por décadas, sendo causador de muitas desigualdades, sendo assim importante observar que os resquícios da suposta abolição de 1888, desencadeou em diversas sequelas para a população não branca. De acordo com a antropóloga Lilia Moritz, “O Brasil foi o último país do ocidente a abolir a escravidão” (SCHWARCZ, Lilia. 2018). O que nos leva a compreender que apesar da utopia das belas histórias contadas, falar em racismo estrutural, desigualdades sociais e superioridade racial tem sido demasiadamente difícil, pois o investimento em

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Marcella Beraldo de Oliveira.

naturalizar as agressões físicas, emocionais e psicológicas tomam lugar de fala na sociedade; abrindo espaço para a busca incessante por branquear a população em prol de excluir a multiculturalidade nacional. O preconceito racial independe da idade, ele atinge sorrateiramente desde as crianças, até os mais idosos, não importa sua idade, o que conta é a cor da pele. A obra "Nem preto, nem branco, muito pelo contrário" possui trechos que enfatizam que a discriminação busca adentrar de forma velada e atingir a população negra a rejeitar sua cor, há um conto disponível "A princesa negrina" que faz luz a suposta superioridade racial destinada a população branca, tendo o público infantil como alvo de suas histórias. Histórias publicadas logo após a tão esperada "liberdade". Vale ressaltar que atitudes como essa sugerem às crianças que elas não serão felizes sendo negras. Frases como "terrivelmente preta", "perdi todas as esperanças de me tornar branca" estão dispostas neste conto (Schwarcz, p.12, 1998). Diante disso, observa-se ao ponto que a branquitude afeta, a notícia disponível no site Negas do Ziriguidum demonstra o quanto atual é o entendimento da pele negra "jovem viraliza ao revelar que fingia ser branca: fingir ser branca de novo, nunca mais".

Sabe-se que a tonalidade da pele é um fator presente na sociedade, ou seja, quanto mais perto da cor branca mais "aceito", quanto mais escura for a pele, a intensidade de discriminação é maior e mais frequente. Com isso compreende-se que a abolição "aconteceu", mas não houve nenhuma reparação após ela, nenhuma estratégia de inserir na sociedade, levando os negros ex-escravos a se submeterem as correntes da escravidão por necessidade de sobrevivência em uma sociedade branca, entende-se que a chance de ex-escravo negro de se estabelecer, era praticamente nula, possibilidade em ter um emprego digno, de adquirir bens, não passava de utopia. A abolição não significou liberdade e sim desassociou, livrando-se do "peso" obrigatório que escravizar resultou. O racismo velado está presente no cotidiano da população, percebe-se através de frases normalizadas, nos meios de comunicação, além do entretenimento que foi criado a partir da dor da escravidão. Começando desde a abolição, até a tentativa por branquear a população, buscando assim fazer "Um apagamento total não só da memória da escravidão, mas de toda contribuição não branca para o desenvolvimento do país" (Emicida, 2020). Levanta-se em questão que existem diversos tipos de racismo e que a forma de os enxergar facilitam uma busca por compreender seus desdobramentos, sendo assim, entende-se que há diferença entre racismo individual e institucional; termos que estão relacionados, mas se diferem na amplitude daquelas ações, enquanto o racismo individual é de uma pessoa branca em relação a uma pessoa negra, o institucional eleva o nível para uma comunidade de pessoas brancas discriminando uma comunidade de pessoas negras; de acordo com o autor Silvio Almeida (2019). Ele ressalta que o individual está atrelado ao observável que tem seus desdobramentos permeando as redes de comunicação, já o institucional possui uma "sutileza" como se fosse feito às cegas, pois ninguém se considera racista, apenas agem normalmente e ressalvam suas ações como ingênuas "não é menos destrutivo da vida humana", mas é menos reprimido pela "condenação pública" de acordo com o autor. Entende-se que os não negros estão sempre desejando a zona de conforto, serem a supremacia em detrimento da população negra ser subalterna e submissa; se houver uma busca por igualdade da parte de indivíduos negros, a população branca ressalta que não há desigualdade, para manter as coisas do modo em que estão, o que beneficia apenas a população não negra. Não há a liberdade de refutar, de questionar e criar uma ruptura, aceitar e conviver é a resposta ao suscitar a mudança. A "supremacia branca" não pode ser desafiada.

Racismo? No Brasil ? Quem foi que disse isso? Isso é coisa de americano. Aqui não tem diferença porque todo mundo é brasileiro acima de tudo, graças a Deus. Preto aqui é bem tratado, tem o mesmo direito que a gente tem. Tanto é que, quando se esforça, ele sobe na vida como qualquer um. Conheço um que é médico; educadíssimo, culto, elegante e com umas feições tão finas... Nem parece preto. (GONZALEZ, p.226, 1984).

Entender que racismo acontece em âmbitos maiores, ampliam mais do que a intimidade, acontece em todo lugar. Diversos ambientes em que o negro está à mercê, sejam ambientes de trabalho, escolar, círculos de amizade, entre diversos locais em que atitudes racistas se reverberam, maiores do que no individual.

## **JUSTIÇA FEITA DE POUCOS PARA POUCOS**

Sabe-se que a escravidão não se limita apenas ao físico, mas está interligado, ao emocional e psicológico, acarretando assim diversas sequelas pois essa "liberdade" que beneficiou apenas a coroa e desassociou os negros escravizados, desencadeou em um racismo estrutural, que não é "visto", mas está enraizado no cotidiano da população negra, permeiam desde 1888, até o presente momento, o que se leva a questionar liberdade para quem?

Uma liberdade que serviu apenas para “aliviar” a pressão política que a coroa vinha sofrendo, que cogitou se livrar do “problema” e ganhar simpatia, livrando-se da responsabilidade de manter vivos seres humanos que não possuíam nenhum tipo de vida fora das grandes fazendas, acostumados e domesticados com aquele tipo de vivência, precisar agir totalmente da bolha em que foi inserido, significou deixá-los à mercê da própria sorte. Ademais, decretar uma abolição, sem oferecer inclusão social, foi pior que mantê-los escravizados. Apesar de estar “livre”, carregavam a marca da escravidão.

Negros carregam a marca da criminalidade, o perfil que gera desconfiança, que não merece chance de justificar atitudes encaradas como “suspeitas” ao qual é atrelado a estar cometendo algum tipo de infração. Seja na rua, lojas, ou até mesmo no trabalho, são alvos da desconfiança. É possível observar diante da notícia, que está disponível no portal O povo:

“Um homem negro preso injustamente por 12 anos, condenado por dez estupros contra mulheres na Grande São Paulo. Ele foi reconhecido por foto e depois presencialmente pelas vítimas na delegacia.”

O que faz surgir uma pergunta que permeia dentro deste assunto:  
Negro é tudo igual?

Observa-se que as vítimas puderam vê-lo pessoalmente e até mesmo por foto e mesmo assim, um homem negro inocente foi condenado, na ânsia de encontrar o “culpado” levou a generalizar e encarar como condenável a cor preta, nenhuma reparação irá trazer de volta esses 12 anos que o DNA negro levou para ser comprovado.

“Motorista de Porsche que matou condutor de Sandero e fugiu é indiciado por homicídio doloso; Justiça não aceita pedido de prisão”

Dentro da sociedade brasileira, a cor de pele, te torna, condenável ou não. Observa-se que enquanto um homem negro inocente, levou 12 anos para provar sua inocência, um homem branco e rico, teve o “privilégio” de responder em liberdade pelo crime de matar um trabalhador. “Foi indiciado pela polícia para responder em liberdade pelos crimes de homicídio por dolo eventual, lesão corporal e fuga do local de acidente”

Questiona-se realmente se o sistema carcerário foi criado para todos? Diante dessas notícias, encara-se o sistema carcerário como local para pretos, pobres e periféricos. Uma suposta abolição que desencadeou em um racismo velado, que está enraizado no sangue de boa parte da população e agarrado ao cotidiano, que por meio de atitudes normalizadas tem se reverberado; entende-se que os resquícios desta suposta abolição, tem atingido e causando sofrimento atualmente. Porque a injustiça tem cor e classe, “O sistema carcerário, cujo pretense objetivo de contenção da criminalidade é, na verdade, controle da pobreza e, mais especificamente, controle racial da pobreza”. (ALMEIDA, Silvio. p.65, 2019).

## **SEM FILTRO**

A negritude nos meios de comunicação, instala-se nesses padrões de cenário.

“Já fui fotografada para um outdoor que foi recusado porque os clientes de classe média não iriam comprar um produto anunciado por uma negra” Zezé Motta.

Diante disso, percebe-se que mesmo após a suposta abolição, atitudes racistas não deixam facilmente o cotidiano dos brasileiros, que muitas das vezes foi e é reforçado pela comunicação em massa, tornando improvável que houvesse representatividade pois os papéis “disponíveis” para atores negros. Observa-se que papéis para atores negros estavam atrelados aos personagens criados para serem subalternos, ressaltando a cor como fator separador e discriminatório, independentemente do quão talentoso poderia ser o ator ou atriz; a cor impossibilitava, pois, a pressão do público alvo seria maior que resultava em dificuldade em ter representatividade nas redes de comunicação em massa; se ao menos houvesse essa oportunidade.

Zezé Motta é um dos diversos exemplos de que o preconceito racial marcou mais do que a escarificação; vale ressaltar que tais conceitos evidenciam o olhar da população negra; o racismo deixa marca no psicológico da população negra.

Ademais, o racismo atinge todas as formas de comunicação, desde as populares até as mais eruditas, como o poema de Gregório de Matos (1775)

A cada canto um grande conselheiro,

Que nos quer governar cabana e vinha;

Não sabem governar sua cozinha,

E podem governar o mundo inteiro.

O racismo tem diversos desdobramentos e muitas das vezes usa a linguagem para mascarar os sentidos em que desejam adentrar no cotidiano, vê-se que ao falar do negro, sempre há a inclinação para o sentido subalterno, com o intuito de reforçar que o negro tem locais predestinados. A realidade do negro é totalmente diferente, ter que aprender como se “comportar”, como não ser “suspeito” evidencia que uma criança negra não tem os mesmos privilégios de uma criança branca, vivencia-se momentos em que dizem que racismo já existiu. Diante disso, entende-se que:

A supremacia branca pode ser definida como dominação exercida pelas pessoas brancas em diversos âmbitos da vida social. Essa dominação resulta em um sistema que por seu próprio modo de funcionamento atribui vantagens e privilégios políticos, econômicos e afetivos às pessoas brancas. (ALMEIDA, Silvio. p.59-60, 2019).

De acordo com Gilberto Freyre, mesmo após a abolição no Brasil houve episódios em que padres se recusaram a casar um branco com uma mulher negra (FREYRE, Gilberto. p.267, 1998). Atitudes como está vindo de órgãos tão poderosos e influenciadores, reforçam de forma persistente o racismo como algo aceitável na sociedade; justamente por serem um modelo a ser seguido. É interessante observar o caso da atriz que sofreu de forma severa essa não “aceitação” em relação a ficção da telenovela.

1. Na telenovela corpo a corpo exibida pela rede Globo, tem um cenário racista, sabe-se que a Zezé Motta sofreu demasiadamente com as críticas e ataques por ser par romântico de um homem branco, há exatamente 20 anos, a novela como forma de comunicação nas mídias, estava sendo alvo de telespectadores racistas, que ultrapassavam as telas e atingiam a vida particular dos atores, por conta da cor da pele, como se fosse inaceitável um relacionamento entre pessoas com cores de peles distintas. Comentário que a atriz Zezé recorda ter ouvido em relação a ela: “Se a Globo me obrigasse a beijar essa negra feia, eu lavaria a boca com água sanitária quando chegasse em casa”. Observa-se que mesmo após anos a marca da discriminação e preconceito continua presente na memória da atriz e a faz lembrar dos tempos em que negro na televisão como protagonista recebia represália do público “viciado na escravidão” como declara o autor. (FREYRE, Gilberto. p. 274, 1998).

## **NÃO CONHEÇO NINGUÉM RACISTA**

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais um jovem negro foi espancado num terminal de ônibus lotado

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais uma mulher negra foi arrastada pelas ruas esburacadas

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais um adolescente negro foi barrado em um shopping refinado,

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais uma criança negra foi expulsa de um restaurante requintado

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais um candidato negro foi preterido na entrevista de emprego

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais uma escritora negra foi ignorada por uma editora renomada.

Não conheço ninguém racista, mas ontem mais um ser humano foi motivo de piada de um apresentador de tv

Não. Definitivamente não conheço ninguém racista.

Apenas fico imaginando como seria o mundo se realmente conhecêssemos alguém racista.

(SANTANA, 2017)

Há como negar que existe racismo? Entende-se que é quase nulo as pessoas assumem suas falas e atitudes como racistas. Ele existe e está cada vez em seu nível mais elevado, pois há um negacionismo em relação aos seus desdobramentos na sociedade brasileira, que encara o racismo apenas como um fator histórico e que não faz parte do dia a dia da população não branca, enquanto não houver a reparação histórica, entender e ultrapassar o racismo, será a pequeníssimos passos. Encontra-se atitudes como estas em todas as formas de comunicação, não há uma que não tem relação com a discriminação. O termo raça está presente em nossa sociedade, mas não é trabalhado como deveria, pois, a necessidade de esconder suas particularidades é maior, encara-se como um incômodo falar nesse termo, a branquitude sempre buscando ser predominante e valorizar apenas assuntos que sejam pertinentes aos próprios. Entender como funcionam fora da teoria torna-se importante. Vivencia-se o racismo de forma multifacetada.

Dentro da literatura há diversas exemplificações desse racismo velado, tais como o escritor Monteiro Lobato que dentro de suas obras exalava racismo, com falas problemáticas e até mesmo normalizadas, como se não houvesse um peso, mas há quem diga que deveria ser cancelado. Questiona-se, esta seria a saída mais adequada? Esconder episódios como esse, qual o propósito de apagar parte dessa história, faz-se necessário analisar que ao problematizar as obras, extrai-se muito mais do que apenas cancelar, levando em consideração que não significaria extinguir. Mas ao problematizar teremos bases para trabalhar e conseguir desmembrar até que seja apenas um ponto na história, justamente para evitar o apagamento histórico, pois há uma busca incessante por incentivar um esquecimento de toda luta negra, assim como a coroa tomou o lugar dos esforços de Zumbi dos Palmares, ao abolir a escravatura, assinando um papel, enquanto a luta dos negros escravizados, foi árdua, pois desejam esvaziar a luta da população negra, reduzindo a nada.

Diante disso, observa-se as falas que dão base teórica ao assunto dentro das literaturas infantis; “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem uma macaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros.” (LOBATO, Monteiro. p.37, 1933). Se pessoas “maduras” ao ler isso sentem-se desconfortáveis, imagina-se uma criança ao deparar-se com esse tipo de fala, é de causar enjoo; um autor que fez parte da infância de muitas pessoas e que a pouco tempo foi entendido com conteúdo de cunho racista, o que se percebe, naquela época é que tais discursos eram normalizados e até mesmo uma sátira contra a cor preta, evidencia-se tal argumento através da próxima fala; em que todos os personagens estavam em perigo de serem devorados e ressalta-se indiretamente que a pele negra não seria digna nem de ser devorada “Não vai escapar ninguém — nem Tia Nastácia, que tem carne preta” (LOBATO, Monteiro. p.22, 1933).

## **PARA MORRER, BASTA SER PPP (PRETO, POBRE E PERIFÉRICO)**

O portal g1 divulga que: “Negros têm quase 4 vezes mais chances de serem mortos pela polícia do que brancos, de acordo com o Anuário de segurança pública”

A cor negra tornou-se marginalizada, o menino pobre, preto e periférico vive em estado de alerta, pois a qualquer momento pode sofrer por ser “suspeito” ou ter atitudes que mesmo que sejam por medo ou autopreservação, pode desencadear na morte inconstante, justamente porque a morte tem cor, não espaço para perguntas ou justificativas. Entende-se que a balança pesou para o lado da população negra, vivenciando situações deploráveis e discriminatórias. Compreende-se que “O racismo estabelecerá a linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre grupos que merecem viver e os que merecem morrer”. (ALMEIDA, Silvio. p.89. 2019). A morte negra está normalizada, não há visibilidade quando um jovem negro, pobre e periférico morre, reagem como uma fatalidade, ou estava no local errado, lidando como se o negro proporcionou aquela situação, até mesmo “confundir” com outro negro tornou-se justificativa:

“Jovem negro que teria sido baleado por policiais após ser confundido com assaltante em São Paulo”

Ao pesquisar sobre jovens negros mortos, tem-se algumas notícias, apesar que há muitas ocorrendo que não há aparição nas mídias. O que preocupa, porque a juventude negra está sofrendo uma chacina, não tem espaço para verificação antes de tirar a vida de uma pessoa negra? Seria isso uma coincidência ou uma atitude velada de ódio e discriminação? Sabe-se que a cor preta é marginalizada e encarada como suspeita a todo momento, diante disso, não há segurança e proteção para jovens negros, pobres e periféricos. A morte está atrelada a uma suposta sina da pele negra ou um racismo velado que reverbera na sociedade brasileira? Essa pergunta permeia,

justamente por episódios consecutivos com o mesmo cenário, jovem negro é confundido com assaltante, estuprador, bandido, todos estereótipos criados em cima da pele preta; estereótipos reforçados pelas mídias e meios de comunicação em massa; tornando importante questionar o sistema funciona para quem? Enquanto pensam estar “protegendo” estão tirando a vida de jovens por nada mais do que suposições. O que retrata veemente que “O imaginário em torno do negro criminoso, representado nas novelas e nos meios de comunicação não poderia se sustentar sem um sistema de justiça, sem a criminalização da pobreza” (ALMEIDA, Silvio. p.53, 2019). Como o autor explica: é uma guerra declarada contra os negros, pobres e periféricos.

## É TUDO MEU

Além de escravizar por décadas, os não negros utilizam os espaços que foram berço de sofrimento, para fins meramente lucrativos, o que se leva a uma busca por compreender, que apesar dos “avanços”, das mudanças, o retrato escravista perpetua na realidade da sociedade brasileira, sabe-se que há uma inversão no entendimento da consciência sobre a negritude; levando em consideração o jogo de poder, em buscar lucratividade, no que poderia ser entendido como reforço e intensificação dos estereótipos da época da escravidão. Há locais com o restaurante Conto dos reis localizado em MG que possui essa inclinação, por ser uma antiga senzala, um local de luta e sofrimento, muitas seriam as possibilidades de ressignificar o local, sem esquecer a história que o norteia, mas em contraposto tornou-se um restaurante, que esvaziou o significado daquele local, com interesse e objetivo de um funcionamento do ligado justamente a “vibe” de estar em uma “senzala”, na ânsia de fazer marketing em cima da dor negra, espelha-se como acontecia na época, negros servindo e brancos lucrando. “Achar que no Brasil não há conflitos raciais diante da realidade violenta e desigual que nos é apresentada cotidianamente beira o delírio” (ALMEIDA, Silvio. p.152, 2019). A sociedade branca, busca domesticar e fazer a população negra a se encaixar no que seria aceitável; vê-se isso em diversas ocasiões, onde o negro sempre vivencia situações que são inaceitáveis por brancos, mas sendo em relação a pele negra, é normalizado, colocar negros para reviver o que já havia acontecido naquele local, seria fazer um upgrade na escravidão, assumindo o lugar de submissão; entende-se que o local não deve ser esquecido, mas de que maneira ele deveria ser lembrado? Diante disso, compreende-se que muitas são as possibilidades de transformação do local, um centro educacional seria de alguma maneira, trazer conhecimento experimentável, repassar de alguma maneira o sofrimento, mas que aquele local representa, dor, superação e luta. Sendo assim, lidar com algo tão peculiar de uma maneira trivial reduz a importância que aquele local representa para a comunidade negra.

## DESCONSTRUIR

Gomes (2019) autor do livro “Escravidão” declara que se requer uma segunda abolição.

O país brasileiro é o maior berço de negros escravizados, trazidos pelo navio negreiro. De acordo com o Portal Geledés Cais do Valongo/ RJ recebeu a maior parte deles, além de ser o último país a assinar a abolição, entre pouco mais de 20 anos, 1 milhão de africanos desembarcaram no porto, tornando-se o local com mais de “50 casas de carne” do país brasileiro, mas com as dificuldades de deslocamento, questiona-se, se apenas 1 milhão de africanos pisaram em solo brasileiro pelos navios, quantos foram deixados no mar, quantas vidas se perderam durante o trajeto, e até mesmo ao pisar em solo. Havia tantas mortes, que a necessidade de criar urgentemente um cemitério para negros foi acionada, pois onde poderiam se desfazer daqueles corpos, de “indigentes”, assim os tratavam, não havia enterro, roupas, nada era levada em consideração, até porque os negros escravizados eram considerados pessoas?

Gilberto Maringoni cita o que o viajante Carl Seidler (1834) declara: “Sem esquife e sem a menor peça de roupa são atirados numa cova que nem tem dois pés de profundidade” assim eram tratados os negros mortos trazidos da África. Entende-se que ter negros escravizados era uma comodidade, mas extingui-los seria um alívio, até porque como negros, ex-escravos, sobreviveriam sem quaisquer amparos, deixá-los à mercê da própria sorte, serviu como recompensa, pois os senhores não teriam a necessidade de lidar e “cuidar” de suas “propriedades”, agora o ex escravo negro teria que se submeter ao trabalho assalariado, a suposta abolição significou a entrada acelerada do capitalismo, das cargas de trabalho desenfreadas, e que por “coincidência” a população negra e periférica ficou e está permanentemente refém, até porque os trabalhos subalternos são direcionados a comunidade preta, o que leva a pouco acesso à educação, fazendo com que seja um ciclo infundável; há as exceções, mas não torna-se inteligente falar em exceções, se são mínimas em relação ao todo, que continuamente sofrem com as consequências de uma abolição fake, que esqueceu de expor as entrelinhas. “A abolição manteve libertos em posição subalterna na sociedade” legenda disponível na foto do acervo de Gilberto Maringoni. Desse modo,

compreende-se que a luta negra não é superficial, vê-se quanta história foi apagada, e perdida por conta do ego branco.

Além de escravizar por décadas, os não negros utilizam os espaços que foram berço de sofrimento, para fins meramente lucrativos, levando assim a buscar a compreensão de que apesar dos “avanços”, das mudanças ditas pela população, pelo Estado, pelas mídias, o retrato escravista perpetua na realidade da sociedade brasileira, sabe-se que há uma inversão no entendimento da consciência sobre a negritude; levando em consideração esse jogo de poder, que envolve os privilégios brancos que buscam lucratividade em tudo, se beneficiando no que se transforma e reforça, além da intensificação dos estereótipos atrelados a população negra e a época da escravidão. Há locais com o restaurante Conto dos reis localizado em MG que possui essa inclinação, por ser uma antiga senzala, um local de luta e sofrimento, muitas seriam as possibilidades de ressignificar o local, sem esquecer a história que o norteia, mas em contraposto tornou-se um restaurante, um local que teve sua história esvaziada, o significado que intrinsecamente pertence aquele local, com interesse e objetivo de um funcionamento ligado justamente a “vibe” de estar em uma “senzala”, na ânsia de fazer marketing em cima da dor negra. Espelha-se como acontecia na época, negros servindo e brancos lucrando; uma população inerte e despreocupada com o que aquilo representa

## **INTERSECCIONALIDADE: GÊNERO, RAÇA E CLASSE**

Ao analisar a mulher negra, há a necessidade de compreender que apesar dos esforços do dia 8 de março, essa data representa de forma rasa a mulher negra, diante disso o dia 25 de julho originou-se justamente para atingir e dar conta de representar essa parcela das mulheres; sabe-se que surge diante da necessidade de reconhecer e combater de forma específica as desigualdades sofridas, ampliando assim e compreendendo a realidade dessas mulheres, evitando assim generalizações que não são suficientes para representá-las. Ademais, é importante destacar que antes de alcançar esse espaço, diversos desafios surgiram no cotidiano da mulher negra, em um de seus poemas, Carlos Drummond de Andrade cria um estereótipo da mulher negra “A negra para tudo, a negra para todos” e finaliza seu poema dizendo que “A negra para tudo, nada que não seja tudo tudo tudo até o minuto de (único trabalho para seu proveito exclusivo) morrer.” (ANDRADE, Carlos Drummond. 1968). De acordo com os versos do poema de Drummond, a morte para a mulher negra, seria a única forma de descanso, sendo “seu único proveito”; além de serviços domésticos, a mulher negra tinha a responsabilidade de cuidar dos filhos da senhora, além dos próprios, e por muitas das vezes era submetida a exigências abusivas por parte do senhor, esse estereótipo criado, impactou e reforçou as formas de racismo e machismo em relação à mulher negra, criou-se na pele da mulher negra, a objetificação. Vê-se boa parte das mulheres negras sofrendo com a hierarquia de “importância” estabelecida na sociedade, homens brancos, mulheres brancas, homens negros e mulheres negras, vale mencionar que a diferença em status de poder aquisitivo, empregos com remunerações melhores, seguem majoritariamente essa pirâmide, em que muita das vezes, os trabalhos mais exaustivos e manuais, são destinados a mulher negra ( GONZALEZ, 2020).

Ademais, os pensamentos em relação à mulher negra, é atrelando aos serviços subalternos, como os únicos que poderiam desempenhar, em que não há perspectiva para outras atividades, pois a mulher negra, era vista como naturalmente, a cozinheira, e faxineira; além de compreender que o racismo e as discriminações atingem qualquer âmbito, na classe média, “não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas”, pois boa aparência, é algo atribuível à ‘brancas”’. (GONZALEZ, p.230. 1984).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar em racismo não é trazer à tona uma luta vencida, mas dar luz, o que foi escondido, destacar que não é vitimismo, é uma dolorosa realidade, não é uma choradeira, na verdade são lágrimas de uma luta contínua, então analisar o racismo, preconceito, discriminação em nosso País é perceber as vendas caírem e entender que há muito a se lutar, enxergando tanto ódio, que envolve o povo brasileiro, que foi formado a partir de muita coragem, pois dizer ser brasileiro vai além da historinha contada nas escolas. O racismo atinge diversos grupos, desde crianças, jovens, adultos, idosos, sendo eles homens e mulheres, não há uma “limitação”, então a luta não pode ser limitada. Vale ressaltar o termo interseccionalidade que é o “não se limitar”, que compreende os pontos que justamente sofrem as opressões e são invisibilizadas, e entendendo tais intersecções pode-se lutar da maneira

que atenda a necessidade do grupo, assim como a exemplo, não se pode lutar pela causa da mulher, se não houver luta pela mulher negra, são um outro grupo, que não sofre só a opressão de gênero, mas a racial. A necessidade de tal conceito em nossa sociedade é que dessa maneira as vivências daquele grupo, serão representadas principalmente por pessoas que com propriedade lutarão. Conclui-se que a sociedade brasileira, criou estereótipos em relação a cor preta; observa-se que o negro está sempre sendo encaixado em um estereótipo, viver em um país em que se tenha que provar ser inocente em atitudes simplistas tornou-se essencialmente atitude de sobrevivência; como educar uma sociedade que se nega a deixar suas raízes?

É de suma importância que o racismo perca a força, para que se tenha uma sociedade em que uma criança viva sua infância sem viver em estado de alerta contra racistas, ou precise educar para evitar preconceitos e discriminação; em que possa lidar normalmente como qualquer criança e crescer sem medos e inseguranças, vê-se um mundo em que mães negras assumem um papel maior que mães brancas, pois uma mãe negra tem que educar seu filho a sobreviver em um mundo racista, discriminatório e que criminaliza, até crianças negras são motivo de “medo” branco.

Portanto, questiona-se “como uma nação pode se construir em um país de profundas desigualdades, atravessado pelo estigma de 388 anos de escravidão” (ALMEIDA, Silvio. p.82, 2019.). Entende-se que a “abolição” foi um ponto primordial na luta negra contra os mecanismos de controle, busca-se compreender a que preço está abolição custaria ao povo negro, além de ter toda luta por liberdade apropriada por mãos imperiais, ter seu povo alienado da “sociedade”, em que mesmo após estarem livres, viviam e ainda vivem presos por estereótipos que são reforçados pelo racismo estrutural, haja vista se faz presente no cotidiano de boa parte da população negra no Brasil, sobremaneira a conquista negra vai além de ser “aceito”, de ser tratado humanamente, espera-se que caiam os estereótipos criados em cima da dor negra.

Que uma verdadeira abolição aconteça, para que “estou livre” seja o grito que a comunidade negra, emane nas gargantas verdadeiramente e não seja uma utopia, o que é essencial para que tudo vivenciado pelos negros escravizados não seja esquecido jamais. Sabe-se que a luta é contínua e seus desdobramentos dentro da sociedade, estão a pequenos passos, mas entende-se que são passos necessários, para que haja uma mudança de contexto e realidade, e que as respostas sejam a longo prazo.

## REFERÊNCIAS

SCHWARCZ. Lília Moritz. **Nem preto, nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade.** Companhia de letras – Claro enigma. São Paulo. pdf contendo 73 páginas. 1998.

GONZALEZ. Lélia. **Por um feminismo afro latino americano: Ensaios, intervenções e diálogos.** Rio de Janeiro. Zahar. 2020.

GONZALEZ. Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** Revista Ciências Sociais Hoje. São Paulo. 1984.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Boitempo.** Sabiá. Rio de Janeiro. 1968.

SCHWARCZ. Lília Moritz. Brasil viveu um processo de amnésia nacional sobre a escravidão.

**BBC News Brasil.** 10 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44034767> . Acesso em: 02 de agosto de 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural.** Pólen. São Paulo. 2019

DAMATTA. Roberto. Relativizando uma introdução à antropologia social. **Rocco.** Rio de Janeiro. Pdf contendo 16 páginas. 1987.

AMARELO. Direção de Freud Ouro Preto. Produção de Evandro Fióti. Laboratório fantasma.SP. Netflix, 2020.

LIMA, Mário Henrique. SP: Homem preso injustamente por 12 anos condenado por estupro é solto. **O povo**. 17 maio. 2024. SP. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2024/05/17/sp-homem-preso-injustamente-por-12-anos-condenado-por-estupro-e-solto.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2024.

Motorista de Porsche que matou condutor de Sandero e fugiu é indiciado por homicídio doloso; Justiça não aceita pedido de prisão. **G1**. São Paulo. 01. abr. 2024. Disponível em: [https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/01/motorista-de-porsche-que-matou-condutor-de-sandero-e-fugiu-se-apresenta-em-delegacia-de-sp.ghtml?\\_gl=1\\*em87dz\\*\\_ga\\*YW1wLUZSUU4wNF9yU3d2czRtSWVaTEEzelkwZ3c2WDZScFNnTHBVbDFZVIR6bIE2OUMxVjk5aGRcAkJHd3l6cU8wbHQ](https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2024/04/01/motorista-de-porsche-que-matou-condutor-de-sandero-e-fugiu-se-apresenta-em-delegacia-de-sp.ghtml?_gl=1*em87dz*_ga*YW1wLUZSUU4wNF9yU3d2czRtSWVaTEEzelkwZ3c2WDZScFNnTHBVbDFZVIR6bIE2OUMxVjk5aGRcAkJHd3l6cU8wbHQ). Acesso em: 05 de agosto de 2024

*Já fui fotografada para um outdoor que foi recusado porque os clientes de classe média não iriam comprar um produto anunciado por uma negra. **Na telinha uol**. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/zeze-motta>. Acesso em: 10 de agosto de 2024*

FORATO, Thiago. 5 vezes que Zezé Motta expôs o racismo que sofreu, atriz já expôs inúmeros casos ao longo da vida. **Na telinha uol**. 10 maio 2024. Disponível em: [5 vezes que Zezé Motta expôs o racismo que sofreu \(uol.com.br\)](https://natelinha.uol.com.br/famosos/tudo-sobre/zeze-motta). Acesso em: 15 de junho de 2024.

MARQUES, Geisa. Morre jovem negro que teria sido baleado por policiais após ser confundido com assaltante em São Paulo, Wesley Barbosa tinha 29 anos e foi alvejado por dois tiros na Avenida 23 de maio, na capital paulista. **BdF**. 23 Dez 2023 SP. Disponível em: [Morre jovem negro que teria sido baleado por | Direitos Humanos \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br/morre-jovem-negro-que-teria-sido-baleado-por-direitos-humanos) Acesso em : 24 de julho de 2024.

MISSI, Luiza. Zezé Motta relembra racismo do público na época de 'Corpo a Corpo'. **Splash uol**. 17 nov 2022. Disponível em: [Zezé Motta relembra racismo do público na época de Corpo a Corpo \(uol.com.br\)](https://www.splash.uol.com.br/zeze-motta-relembra-racismo-do-publico-na-epoca-de-corpo-a-corpo). Acesso em: 15 de maio de 2024.

MOURA, Mariluce. Complexo do Valongo: Ossos que falam. **Portal Geledés**. 18 Jan 2012. Disponível em: [Complexo do Valongo: Ossos que falam \(geledes.org.br\)](https://www.geledes.org.br/complexo-do-valongo-ossos-que-falam). Acesso em: 27 de agosto de 2024.

MARINGONI, Gilberto. História- O destino dos negros após a abolição. **Ipea**. 2011 . Ano 8 . Edição 70 - 29/12/2011. Disponível em: [História - O destino dos negros após a Abolição \(ipea.gov.br\)](https://www.ipea.gov.br/historia-o-destino-dos-negros-apos-a-abolicao). Acesso em: 18 de julho de 2024.

SANTANA, Solange. Não conheço ninguém racista. **Casa dos poetas**, 2017. Disponível em: <https://casadospoetasedapoesia.ning.com/publicacoes/poema-nao-conheco-ninguem-racista>. Acesso em: 07 ago. 2024.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Editora Record, Rio de Janeiro, 1998.

Asnegasdoziriguidum. 29 de julho de 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C-BKY8HREAQ/?igsh=MXJocGk0dmw3Y2Fjaw==> Acesso em: 15 ago. 2024.

GOMES, Laurentino. **Escravidão: do primeiro leilão de cativos de Portugal á morte de Zumbi dos Palmares**, volume 1. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. São Paulo: Brasiliense, 1933.